

BIBELÔ DE RECORDAÇÕES



Pedro Henrique





Pedro Henrique

BIBELÔ DE RECORDAÇÕES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

QUEIROZ, Pedro Henrique Magalhães

Bibelô de Recordações [livro eletrônico] / Pedro Henrique
Magalhães Queiroz — Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

ISBN 978-65-5917-485-0

DOI 10.22350/9786559174850

1. Filosofia 2. Literatura 3. Memórias 4. Poesia
brasileira I. Nascimento, Leonardo. II. Título.

20-35769

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados.

A fotografia da capa é de direito

livre e foi obtida no site *unsplash.com*

sob o título "Red paint cup" e
foi tirada em Nova York, EUA. Sua

autoria pertence a Matthew
Hamilton, Chicago, EUA. Site:
thatsmrbio.com.

IMAGEM DA CAPA

Matthew Hamilton by *Unsplash.com*

REVISÃO

Pedro Henrique

DIAGRAMAÇÃO

Alexandre Valério

SUMÁRIO

Vai, Pedro, derivar-se na vida	9
Sísifo no labirinto	16
Psicoderiva: O tempo infernal	18
Bibelô de recordações	21
Onírica sessão.....	23
Meu coração também está a nu	26
Me lembrei de Carlitos.....	30
Cosmologias	32
Entre Gomes e Renato.....	36
Prosas pretensamente poéticas	40
Buracos negros e crédito	49
Clonazepam: paraíso artificial do mal do século	53
Estrelas descem à terra	55
Excertos.....	59
Teses.....	63
Asja Lacis já não me escreve.....	66
Uma pepita de ouro em Serra Pelada.....	69
Perto demais	73

Memórias de um feminino insubmisso	77
Apenas o jogo pode se contrapor ao sacrifício	79
Poesia da memória e do presente	83
Epitáfio das circunstâncias	87
Hyulla e Beatriz	89
Culpa hereditária.....	92
Ladainha.....	96
Sobre o autor.....	100

Vai, Pedro, derivar-se na vida

Angelo Lobo diz que, quem escreve, busca *o que não é* no escrever. Ou melhor, sempre escreve o *não-ser de si mesmo*, pois as palavras reificam, e o mundo não pode ser dito apenas – *não há palavra livre*. Mas há um *querer dizer* que não pode ser ocultado.

E o desejo, sabemos todos nós, se apresenta, muitas vezes, como *“linguagem desejante”*. E o que *deseja dizer* um livro antropófago? Um livro todo artéria, sangue e língua? Um livro-manifesto, que denuncia barbáries e diz belezas?

No mundo do espetáculo, no mundo do Capital, no mundo reificado, é preciso compreender que “no mundo das coisas, só as coisas falam; no máximo, os homens falam das coisas”. Drummond, em 1930, já nos havia alertado: “impossível escrever um poema a essa altura da evolução da humanidade”. As guerras continuam. Os imperialismos continuam. As cisões sociais continuam. A exploração e a miséria perpetuam-se. Gregor Samsa ainda preso no seu corpo-inseto da burocracia. O Senhor K. jaz para sempre na sentença de um sistema que nos condena. Paulo Honório castiga o empregado miúdo que quer ser livre. Todos

os dias Carlito ainda a apertar parafusos. E ninguém se curou da cegueira branca.

Pedro Henrique sabe de tudo isso. E, por isso mesmo, enfrenta (ou desafia?) o labirinto do Minotauro; não em busca ou negação do seu Outro, nem muito menos com asas de cera; mas como um Quixote, um quixote triste, munido apenas com as poucas palavras que lhe permitem configurar o mundo – que maneira mórbida de perecer! E ele o faz da maneira de uma deriva. Nos labirintos (Da linguagem? De si mesmo? Do mundo?) Pedro Henrique transita, entre a poesia, a filosofia, a crítica social, o lirismo e a paixão. Busca, como Rilke, a radical resposta: “Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos me ouviria?”. Porque o seu coração está a nu, e de nada resulta buscar o cartesianismo, a exatidão do conceito hegeliano, as distopias positivistas, Pedro Henrique é da ordem do *gauche*, e quando nasceu, um anjo torto disse-lhe: “vai, Pedro, *derivar-se* na vida”. E é precisamente por isso que ele ocorre no mundo como um inconformado, um homem cuja “*tortidão*” (perdoem-me o neologismo) não o permite defasar-se nos escombros da ideologia do Capital. Questionador, Pedro Henrique entende a erosão do mundo, mas a subverte, alargando-se de poesia e paixão.

Pedro Henrique também amou Anara, e amou-a mais do que a todos os homens. Como eu, ele também não resignou-se a caminhos tortos, e perdeu os bondes – meu deus! Será que ele

também não sabe que não existem mais bondes? Talvez ele apenas quisesse derivar-se com Mário Gomes, na insondável loucura própria dos bons poetas. Mas não é necessário desesperar-se. Ele também amou outras mulheres. Uma até com “os olhos de pitonisa”, e que ele não esqueceu “o sabor do beijo, o toque da pele, o abraço o choro a cerveja o fumo”. Também amou alguns amigos. E os guarda, na lívida bruma das memórias, orquestradas nas palavras nem sempre alegres. (Eu também amei o Valdo Barros, nosso amigo em comum, cuja intensa inadequação a este mundo de homens caídos o fez desistir mais cedo, e mais cedo Valdo partiu para o *indecifrável*.)

Bibelô de Recordações são confissões de um poeta-filósofo, o que sabe que mesmo com o mundo em erosão, alguma coisa resta a ser dita e experimentada através dessa instância chamada palavra. Ora, pois não é verdade que “no princípio, havia um poeta”? E não importa o que diga Platão, os poetas são *fundadores*, e é sob eles que “as estrelas descem à terra”.

Mas é preciso corrigir Ângelo Lobo: quem escreve, busca o *que é* no escrever. Ou melhor, *deriva-se* sendo, e, no caso de Pedro Henrique, fundando recordações, fazendo da memória um atravessamento ontológico, radical e lírico, diante mas contra a erosão de todas as coisas.

Renato Pessoa
Escritor

"(...) tive planos grandiosos na juventude, depois eu me fodi, e agora estava feliz porque tinha sobrado uma migalha e pensava nisso como quem ironiza os próprios sonhos"

— Airton Uchoa Neto





Sísifo no labirinto

“Je suis maître en fantasmagories”

— Rimbaud

Sísifo entra no labirinto do Minotauro. Um labirinto de espelhos nos quais a imagem de Sísifo se replica distintamente, sob ângulos diversos. Em uma dessas faces está o Minotauro, o autêntico outro do mesmo, o seu resto, o seu incomensurável recalque, a sua mágoa inflexível.

Quer faça a pose de imperador ou plebeu, suserano ou vassalo, dono de terra ou escravo, burguês ou proletário, contrafaces de uma mesma moeda vazia, Sísifo se lança no palco giratório da vida. Cada cena das peças encenadas guarda-se em fotos num baú cheio de traças. Com sorte, e luta, algumas se preservam: quase todas belas e louváveis.

Com sorte, e luta, pode-se enfileirar tantas imagens de destroços quanto numa erupção do Krakatoa.

Sísifo vendo-se enquanto algoz se compraz; ao ver-se diante da face da morte, sente vontade de chorar. Suas lágrimas parecem ser a única maneira de reflorestar em meio ao desastre.

Sísifo encontra o Minotauro e precisa degolar sua cabeça, segundos depois de quebrar o espelho com sua pedra, se quiser arriscar sair do labirinto. Seus filhos têm asa de cera.

Psicoderiva: O tempo infernal

“Não se trata do fato de que acontece ‘sempre o mesmo’ (a fortiori, aqui não se trata de um caso do eterno retorno) e, sim, do fato de que o rosto do mundo, a imensa cabeça, nunca muda naquilo que é o mais novo.”

— Walter Benjamin

De súbito, um enigma se põe no horizonte – e na imediatez da presença sensível. Um enigma ao mesmo tempo fragmentário e total, singular e transversal. A travessia da ponte entre o natural e o humano, entre o mítico e o histórico se põe na singela travessia entre o bucólico e o urbano. Nessa travessia se interpenetram a humanização da natureza e a naturalização do “homem” como uma forma perversa de reificação. Tudo subitamente (im)posto entre si e o mundo.

Ao se atravessar do quase inevitável drama privado à dinâmica caótica do mundo quase histórico, ou, ainda, ao se interpelarem o seu tempo morto e este mundo, entra-se em um jogo de roleta russa no qual cada giro dentro das seis possibilidades existentes encontra sempre, ao final, o ruído da bala. Um terminal de ônibus, na saída do litoral para o centro, torna-se um jogo no qual cada linha, cada escolha leva – necessariamente – a uma construção diferente de si mesmo. Uma paixão, uma amizade, uma traição (trair ou ser traído), o suicídio, um assalto (seu ou dos outros) ou a interrupção catastrófica de um acidente; tudo (im)posto ao mesmo tempo na roleta russa da existência, a ser escolhido na fração de uma piscadela de olhos.

Sem se saber já se atravessou a toca (de coelho) que leva ao fantástico. Este, aliás, não passa do já existente, com o qual se convive e para o qual não se costuma abrir os olhos. Sem se esperar se entra em uma peça na qual cada ato é uma situação. Seus elementos: uma questão (complexo), posta por um enunciado (de si ou de fora – é improvável a autonomia desse “fora”), associada a múltiplos estímulos que configuram uma projeção experimentada em um curto espaço de tempo. Seu final: uma carta marcada e um retorno ao ponto de partida – o ônibus segue o seu roteiro rotineiro. Em cada começo outras possibilidades tornando-se reais em frações

de segundo. Em cada recomeço uma tentativa de interpretar o ato anterior (prestes a ser esquecido). Sem essa interpretação parece impossível sair do ciclo de repetições.

Assim parece ser o mundo histórico: às suas infinitas possibilidades concretas se sobrepõe uma repetição infernal de ponto a ponto do espaço urbano, desgastando-se no trabalho e tentando renovar-se no consumo. Assim parecem ser as insurreições: cada agora perdido impõe um enigma, um apelo à sua interpretação fundamental para o ato seguinte. Isso até a próxima jogada – que pode ser a última, mas que até agora não foi.

Bibelô de recordações

P endurei-a em mural de lembrança numa parede do quarto.

E seu quadro era como uma mariposa lançada à chama...

Drummond entenderia: – como dói!

Da primeira vez que a vi, eu nem daqui era.

Vagueava entre os infinitos sóis e estrelas.

Estava muito ao longe... muito ao longe a vi cintilar no rastro de uma estrela errante qualquer.

E guardei-a, bibelô de lembranças, na memória.

Depois esqueci.

Depois eu era superfície, pura inorgacidade; fui monstro marinho, larva, inseto, cão, menino brincando na rua.

Ela... devia estar entre a relva, tornando-se borboleta efêmera em seu sono; menina independente, ativa e solitária.

Devo de ter cortado a cabeça de algum rei — Deus meu! —, porque logo depois vi rolar a minha própria na-

quele infinito segundo antes de acordar.

Devo, sabe-se lá, numa querela de cangaceiro e latifúndio, ter-lhe desviado o caminho reto, e ter sido enterrado vivo, cabeça de fora, ao sol quente da Paraíba – nosso drama shakespeareano no interior do sertão.

E ela deve de ter, campesina, se vingado do meu crime apunhalando em meu peito o ressentimento de todos os corações traídos; eu era Marat.

Fui Moreno europeu e ela Iracema sublimada.

Fui Santo Padre, repleto de pecados, e ela plebeia com suas ervas e chás; chamei-a de bruxa, e a inquiri.

Teci fios a seu lado numa fábrica inglesa.

Chamei-a de camarada quando éramos russas e nem o inverno arrefecia a quentura dos corações inflamados.

Tombei, ao fim, na solidão de um quarto como se fora Lilya Brik já envelhecida.

Mas foi por esses dias, lendo-lhe sobre Ismália, que seus olhos me redimiram a multidão dos erros humanos.

Onírica sessão

Queria ser o anjo a ouvir o clamor de Rilke em elegia:
– “Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos me ouviria?”
Ou quem sabe Gabriel interpellando Maria:
– “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”

E Simeão a lhe advertir:

– “Quanto a você, uma espada há de atravessar-lhe a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações.”

Talvez seja eu o poeta clamando por algum anjo, messias, compadecimento.

– “Eu queria ser sereno, Aurora, pra nessas rosas eu cair.”

Existe uma sina traçada desde pequenininho, e sigo amando-a como um Albatroz caído ao convés.

Existe também uma máquina de ressonância magnética; ressoa em seu interior algo de assemelhado aos coros angélicos no último orbe. Uma máquina marciana terapêu-

tico-abdutiva; uma câmara luminosa resgatando almas em sono, dementadas ou ressentidas em Nosso Lar. Cantado o vigésimo terceiro salmo, manifesto o espírito que moveu a letra de Paulo e todo um magnetismo de chumbo passou a converter-se em ouro mediante um coração em busca de revivificar seus sete corpos, chamados: físico, vital, astral, etérico (mente concreta e abstrata), búdico e atman.

Rilke bem sabia que todo anjo é terrível em sua beleza:

“E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois o que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo é terrível.”

Mas qual, dentre eles, ainda assim, ouviria?

Leó Nascimento



Meu coração também está a nu

Ele havia-lhe enviado uma mensagem:
– Ai, moça, meu coração anda tão aflito...
Ao passo que ela lhe respondeu com uma prosa
de Cecília Meireles, *A arte de ser feliz...*

São lindas as palavras como é lindo o olhar singelo dessa criatura que é ao mesmo tempo musa e poetisa inspirada. Seu nome de batismo e suas palavras se encontram num casamento singular; singular como Cecília apenas o enviesado Dos Anjos, quem sabe. Bandeira e Drummond arriscam palpites, mas parece vão alçar com palavras a sutileza dessa estrela da manhã.

De minha parte, sempre fui um tanto afeito ao terrível, ao torto, ao desaprumado. Gostava muito dos poetas ditos malditos franceses, Lautréamont, Baudelaire, Rimbaud. A beleza sempre me assustou, sempre matou os poetas: “O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido”, dizia Baudelaire. Rimbaud inicia o re-

lato de sua estadia no inferno dizendo: “Uma noite, sentei a beleza no meu colo. – E a achei amarga. – E a xinguei!”. Logo em seguida diz ter aprendido amá-la, “Isso passou. Hoje sei saudar a beleza”. Lautréamont escreve os cantos terríveis de Maldoror em pseudônimo para logo depois, com nome de batismo, Isidore Ducasse, dizer nas Poesias que “Não deveria ter percorrido os domínios satânicos”.

A beleza matou como redimiou o jovem Álvares; levou ao inferno como ao paraíso (não sem Virgílio) o amigo Dante. Assim sendo, “Quero”, também eu, “cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”.

A filosofia como *alma mater* quis um dia deserdar a poesia – antiga polêmica da *República* de Platão; seria um grande erro da razão querer levantar seu castelo frio, de gelo, querer murar sua cidade deixando de fora os poetas como bárbaros prestes a lhe invadir. Nietzsche foi um bravo, porque mostrou, no estilo, como é possível enlaçar apo-

línio e dionisiáco, bela forma e instinto criativo, genioso, transbordante. Servindo-se de Heráclito, o dialético melancólico, e Espinosa, que tratou a substância, Deus-Natureza, aquilo que é causa de si mesmo, como poética, produtora, *autopoiética*, fazendo o não ser vir a ser; Nietzsche teria compreendido a vida como essa constante criação e recriação de um universo poeta. E seríamos nós fragmentos de verso lhe ajudando a compor sentido: “Que seria a tua felicidade, ó grande astro, se não tivesses aqueles que iluminas!”.

Silêncio...

Talvez a melhor opção seja mesmo ouvir o bom conselho de Cecília e abrandar o olhar nas sutilezas do dia: “Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim”.



Me lembrei de Carlitos

Me lembrei de Carlitos, senti saudade do seu riso franco. Me lembrei dos ditadores, das *dita-dores*, das fábricas que regurgitam e moem gente – daquela moça que vendia flores.

As luzes da cidade se apagaram quando amanheci. Não senti falta do companheiro de copo, sem ser companheiro de cruz. Me lembrei do cheiro da flor que se foi e nunca mais vi.

“Meu bem, não chores, hoje tem filme de Carlito”. Filme não vai ter não, mas tem o Carlito meu amigo ali da esquina. Equilibrista na impiedosa corda bamba da vida. Nunca foi palhaço, mas vive como quem, no picadeiro, precisa fazer da falha o móvel do riso.

– “Cadê a ‘Dona Mocinha’, Carlito?”, perguntei como quem se faz de desentendido. – “Perdeu o juízo, largou-se na vida... nunca mais vi”.

Era valente, tentou ir além da dor na sua aventura para

além do Bojador no oceano da vida medíocre. Talvez não tenha sido astuta como o grego Ulisses, foi sentimental como Orfeu – e olhou atrás. Ouviu o canto da sereia e desceu até a mansão dos mortos, até o mundo das sombras (aquele Império erguido às margens dum rio chamado Esquecimento no interior da cabeça de cada um) atrás de sua Eurídice. Naufragou nas ilhas... – “Ilhas perdem o homem”.

Drummond bem que poderia ter dito: “Meu bem, não chores, hoje tem filme de Carlito”. Nem todo mundo encontra a sorte de ouvir seus conselhos.

Cosmologias

No princípio havia um poeta.
Ninguém sabe ao certo quem era.

Pra uns, os cientistas, esse poeta era a própria matéria, confrontada com seu outro, seu alterego – matéria esquizofrênica, esquizomateria –, seu outro que ainda era apenas sombra de si, antimateria; num duelo de ser e não-ser, de ser e nada, de vida e morte, de som e silêncio, essa poetisa do espaço mentiu o tempo, que era seu próprio movimento de expansão insondável, incalculável, pelos séculos dos séculos, pelos milênios, biênios, triênios, por eras e eras sem fim. Pra esses, não há nada mais divino e belo, nenhum imaginário humanoide lhe venceria numa batalha de criação e improviso. Esses ainda não descobriram como foi possível tamanho feito dessa poetisa, nem mesmo como ela conseguiu desdobrar-se à complexidade da vida orgânica, muito menos à consciência de si, a cultura. Sabe-se como, mas não por quê.

Pra outros, os monoteístas, que consideram como sa-

grado não a matéria, mas o espírito, havia apenas o nada, informe e vazio, sem forma e sem conteúdo, feito luz, feito ser mediante a palavra da vontade superior, Deus, que disse belamente para que se alumiasse o mundo, e assim se fez, porque era bom. Um poeta soberano capaz de criar o mundo, as espécies e dentre elas uma criatura que, imperfeita, pois não era Deus, comungava de seu artifício poético, a palavra. Essa criatura precisava apenas nomear as coisas numa paisagem tão lindamente natural chamada Éden e, no entanto, assim como o supremo criador, deve ter se sentido tão entediada e só que precisou de seu outro, ainda também apenas sombra, uma mulher, e numa tacada da natureza, um certo impulso vital, um certo Eros manifesto na simbologia de uma cobra, chamada também de Kundalini, almejaram não o prazer sensorial de seus corpos nus, mas a sabedoria do bem e do mal, e assim aprenderam a julgar, então caíram, foram condenados ao fardo de um labor diário sem o menor sentido, sem jamais conseguir retornar à tranquilidade do Éden – o mesmo deve pressentir toda criança ao nascer, por isso seu choro.

Pra outros, os politeístas, ao menos os da antiguidade clássica do lado onde o sol se põe, o Ocidente, seguiam seus mitos aprendendo que é impossível o mundo ter sido criado, porque se fosse criado teria fim, e se findasse não

poderia ser fundamento sólido nenhum para tudo aquilo que transita, peregrina, perece. No princípio era o Caos, matéria desorganizada, conteúdo sem forma, talvez, até que algo chamado terra, Gaia, despontou na solidão do primeiro, não sem trazer consigo um imenso breu, chamado Tártaro. Há um longo caminho ainda por ser apresentado, mas deu-se assim início à origem das gerações e gerações de deuses, digladiando-se, como as forças da natureza, para saber quem, ou qual, é mais potente, se sobressai: Urano, o primeiro pai, o céu, funde-se à primeira mãe, a terra, Gaia, pelo amor, talvez algum tipo de Eros; seus filhos são Titãs e dentre eles um se sobressai frente ao pai, por auxílio da mãe: o tempo, Cronos, que lhe corta o falo; este tinha o costume de devorar seus filhos para não se cumprir consigo o mesmo que se cumpriu ao seu pai, até que um de seus filhos, o trovão da justiça, Zeus, lhe faz vomitar os irmãos e funda o Olimpo.

Ah!... os filósofos. Tendo aprendido com seus mitos foram, no entanto, antes mesmo dos cientistas da ciência natural dos modernos, os primeiros desencantadores do mundo, não quiseram mais dizer do mundo mediante poesia, no princípio já não havia um poeta que não uma causa imanente (*arqué*) ao mundo natural, chamado de *physis*. Já tinham diante de si que aquilo que torna o caos primor-

dial um cosmos ordenado era algo chamado *Logos*, o mesmo princípio da criação monoteísta, algo de próximo da palavra, que fazia o mundo algo de bom, e assim de belo, e portanto verdadeiro. E com isso eram, sim, uns tremendos de uns poetas: um figurou a água como metáfora da causa primeira do mundo; outro, o ar, *pneuma*; outro o ilimitado, o *ápeiron*; e assim foram se dando: quatro elementos, átomo, fogo, número... Quando vem o período da *pólis* política é que se percebem como artífices do mundo, ao menos de seu próprio mundo, de suas leis: o somos a medida de todas as coisas, das que são como são e das que não são como não são; ou não tem nada mesmo que exista, que possa ser conhecido ou dito; ou existe na vida humana, em seu *ethos*, alguma correspondência com o *cosmos*, quer seja a Ideia, quer sejam as quatro causas (formal, final, eficiente e material) e os primeiros princípios (começando por não contradizer-se) de tudo que existe. Depois disso, diante dos impérios, restava aos “homens” uma cosmologia que apontasse um cuidado de si, nenhuma verdade poderia ser maior do que a *ataraxia*, a tranquilidade da alma.

Essas as cosmologias ocidentais.

Entre Gomes e Renato

Mário Gomes não foi um poeta dos livros, mas das praças: pertencentes ao povo como o céu ao condor; a pessoa dele é que carregava consigo um estranho significado, e talvez apenas – numa primeira impressão – em sentido negativo: ele seria a personificação da decadência da poesia, em seu nem tão novo e nem tão desconhecido intento de mudar a vida, de transformar a prosa tediosa dos ofícios em vida inquantificável, inequivalente, singular, ainda que pela porta nem tão doce da loucura; alguém que esteve a olhos vistos nos comunicando o fracasso desta sociedade e de suas correspondentes formas artísticas, e não nos demos conta. Talvez não possamos exigir dele, enquanto poeta, nada mais do que isso.

Renato Pessoa é um poeta dos livros, seus versos é que são louváveis, mas quem sabe também apenas – numa primeira impressão da sua juventude – em um sentido negativo: eles são a expressão artística dos impasses atuais do sujeito moderno, seu

niilismo entranhado; alguns lampejos de vida em seus versos bem que mereceriam algum desvio. Há um poema de Drummond que começa com “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade” e termina com “Desconfio que escrevi um poema”. Em Drummond, há uma tensão entre os impasses da arte e os impasses do sujeito moderno; em Renato Pessoa, no seu primeiro livro intitulado *O corpo arcaico* (2011), há uma sobrevida do artístico por sobre os escombros da vida, algo que se poderia chamar de “versos da vida mutilada”, e isso se expressa incisivamente quando nos diz, já nos versos de abertura: “Ouço rumores de que vida não há mais – nada mais ouço agora”.

Se houver algo a ser dito quanto à forma no interior da própria forma, digamos que “O poema é um dilema/entre viver ou fazê-lo/entre matá-lo ou morrer”. Mas esse é um antigo problema que não se resolve no campo separado da arte, do artístico por si mesmo, mas social – ainda que seja preciso nutrir-se dela como aqueles míticos irmãos romanos nutriram-se ao seio da loba, ou mesmo como em nossas terras nutriram-se cangaceiros e retirantes de rapadura e charque em sua peregrinação.

O que se chama de arte, em todo caso, pode ser algo como uma mãe grávida de sonhos, prenhe de um porvir ainda desconhecido e incerto. E acredito, enfim, não ser

inoportuno me confessar alterando algumas linhas de um
de seus inconcebíveis poemas:

*Amei-a mais do que a todos os homens.
Briguei com Deus, traí o Diabo, neguei a ambos.
Escrevi poemas e bilhetes de amor,
ode, elegia e até carta suicida.
Conspirei insurreições e severos insultos à arte.
Dancei comigo mesmo numa noite vazia e sem cor.
Sentei a sós numa praça.
Confesso que bebi, e quase não resignei caminhos tortos.
Quando dei por mim já era alta madrugada...
havia perdido o último bonde.
– Deus meu, nem existem mais bondes...
Ainda assim imaginei encontrá-la
num desses desencontros
conscienciosamente perseguidos ao acaso.
Amei-a nos tombos.
E tudo não passou de uma enorme tolice!
Mirava conjecturas.
Mas quais amores
são mais intensos senão estes!¹*

1 PESSOA, Renato. *Poema para Anara inconcebível*. In: *O corpo arcaico*.



A perda da auréola de Gomes e na poesia.

Prosas pretensamente poéticas

I

Atardinha, caminhando na praia deserta, lembro-me das grandiosas aventuras para além-mar, em busca do novo mundo. Lembro-me de Pessoa: Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal! Lembro-me da verdade petulante de um desvio: Ó bela máquina, quanto da tua história são lágrimas e carnificina! Lembro-me do poeta contador de histórias amigo meu: Pessoas navegam em mar de Pessoa, poetas naufragam em ilhas de palavras! E ao flertar com a lua, ainda acanhada, lembro-me dos amigos e dos amores que tive. Estes que o tempo, a distância e a memória, bem sei, não hão de me privar.

II

De ressaca da existência, sem barco, nem bússola, e com os ventos nem tão alinhados ao roteiro, deixo-me levar ao som das rabecas. Matutos, porém, com um toque encantador! Flertei sozinho durante os três dias, a sereia não cantou para mim. Meu bem-querer não me olhou de volta, e o amor passado, ainda latente, me assalta a imaginação... Enquanto a rabeca chora, meu peito se encolhe, pequenininho; enquanto o triângulo e a zabumba marcam o ritmo, arrisco alguns passos de minha terra. O sotaque pernambucano, ainda presente, já vai se esvaindo, assim como a lembrança do amor que passou – não a sereia, um flerte perdido, mas aquele que me arrebatou. De volta para o meu aconchego, com casais dançando e a poeira subindo, entro para a banda, hoje tocarei triângulo; quero tocar para ver se meu coração entra no ritmo do baião, do xote, do xaxado, para que ele se alegre novamente.

III

Tu és chama e eu mariposa, e a ti inclino-me de modo inexorável; por vezes sou libélula e tu és lâmpada, que deixa-me desnortado. As duas das mais brilhantes estrelas a iluminar o céu desta noite fria – que como companhia deixa-me apenas um conhaque barato – teriam vergonha em reluzir ao lado dos teus olhos. E não duvides se eu disser que tais elogios corariam a face da mais bela dama deste maldito planeta, que nos oferta a roda viva do baile de máscaras da mercadoria.



Leô Nascimento

IV

O tempo é imponderável. O tempo marcado pelas batidas do coração, não pelas do relógio. Esse é indiferente, quantitativo e vazio de sentido, é tautológico, marcador dos passos de Sísifo. Tempos difíceis o nosso, marcados por um tempo tal. Fica mesmo difícil suportá-lo num só peito de homem (sensível, não o macho) sem que ele estale. E ele estala, dá defeito, quase quebra, mas ainda segue o ritmo de suas paixões, incompatíveis com esse tempo que não é nosso. Emergirão os corações submersos? Eis a pergunta que não cala. E como 21, 35, 52, 76, 90, nada significarão em nossas lápides, contemos, e cantemos, o tempo de nossas mais grandiosas amizades, amores e batalhas, vencidas ou não.

V

O lugar não importa, mas havia um jardim. Pelo menos um espaço com adubo e água para que se fizesse flores brotarem. Mas nenhuma flor brotava. Um, dois, seis meses e nada. Um ano e nada. Mais outro ano e nada. Quando, nas beiradas do terceiro ano de insistência, um sol nunca antes visto, de uma intensidade tão radiante que fazia o peito estremecer e os olhos ofuscarem bateu, surgiu como a força de um novo tempo e então um protótipo de flor brotou. O moço que cuidava de tal jardim, não se contendo em si com o acontecido, resolveu chamar o amigo para observá-la; no fundo, ele não sabia o que fazer com ela, pelo menos não sozinho; para ele, a flor era como uma criança recém-nascida, que de tão frágil que é temos medo de tocar. O amigo ficou deveras contente, também não se conteve, pois há muito esperava por tal momento; resolveu então ajudar, tratou de encher seu regador d'água e com um entusiasmo fora do comum, desses de brilhar os olhos, agitou-a com o carinho que, muitas das vezes, apenas amigos o sabem.



Fortaleza, meados de 2017.

VI

Um homem estava em sua rede. Um homem, qualquer. Arquitetava e construía seu fumo rotineiro; um fumo, qualquer. Após o término, fósforo e cinzeiro; ao seu tédio parecia um estrondo, um desatino a mulher reclamar o dia inteiro se num descuido as cinzas manchassem o chão. Fósforo, cinzeiro, uma mulher e um chão, quaisquer. Seus olhos visavam o horizonte, contrastado das bordas da janela, da casa do seu João, o vizinho do poço cheio de água, da vaca gorda e da bela cerca que delimitava sua propriedade. Um devaneio, qualquer. A vaca magra havia morrido, seu João arredado o pé, no poço pouca água, estiagem em demasia, e o portão de nada adiantaria, Juarez no momento não tinha nem o que cercar, apenas sua singela casa de taipa. Uma casa, um homem, uma mulher, um ido vizinho e uma vida, quaisquer.

Leó Nascimento



Buracos negros e crédito

Um leigo lendo sobre buracos negros... fenômeno aparentemente intransponível donde nem a velocidade da luz – velocidade referencial às demais em seus cerca de 300.000 km/s – consegue ultrapassar seu campo gravitacional, sua fenda no espaço-tempo; enigma da esfinge cósmica que talvez carregue consigo a possibilidade de reencontro entre a física de partículas (mecânica quântica) e o macrocosmo (relatividade geral), haja visto em seu interior habitar uma quantidade enorme de massa numa quantidade ínfima de espaço; fenômeno análogo à própria “origem” do universo conhecido, observável, em seus cerca de 14 bilhões de anos – o universo numa casquinha de noz, numa lasquinha de nós, como dizia o falecido Hawking, que tratava da “origem” desse mesmo universo usando-se apenas de suas piscadelas de olhos. DeGrasse Tyson nos conta:

I. “(...) buracos negros são regiões do espaço em que a gravidade é tão elevada que o tecido do espaço e tempo se dobra sobre si mesmo, levando junto as portas de saída” (A morte no buraco negro).

Parece existir um buraco negro na história. Ainda não percebemos, mas parece não haver força social afirmativa em seu interior. O mecanismo do crédito carrega consigo esse sintoma e se apresenta a nós, econômico-financeira e socialmente falando, como a grande bolha de endividamento da humanidade, uma espécie de Bezerro de Ouro, Mamon ou de Baal a cobrar sacrifícios a uma humanidade que já consumiu todo o possível mais-valor do século XXI para tentar manter funcionando o seu perpétuo presente:

I. “Se partimos do pressuposto de que o movimento das ações tem por conteúdo expectativas futuras na economia real, então os Estados Unidos já teriam capitalizado de antemão todo o crescimento do século 21: a economia atual do planeta só seria sustentada por intermédio do futuro antecipado dos Estados Unidos. (...) não existe mais futuro, porque sua substância foi consumida para a manutenção do presente capitalista. A liquidez com que, desde meados dos

anos 90, os Estados Unidos aqueceram a economia mundial não pode mais manter em vida o conjunto da humanidade no próximo século sem lhe obstar as funções vitais” (KURZ, Com todo vapor ao colapso, [Capitalismo nas estrelas], p. 190).

II. “Na forma de dinheiro capitalizado, abre-se um voraz buraco negro que engole a matéria, a sensação, o mundo e a realidade com crescente velocidade” (KURZ, Identidade Zero).

Parece que iremos a sacrifício enquanto a dívida não for perdoada e a dádiva, ao invés do dinheiro, não tornar-se a “moeda de troca” entre os “homens”. O paradigma precisa ser inteiramente outro. Esse reino da necessidade, que institui um estado social de natureza – a sociedade funcionando com imperativos aos quais não possui controle, como uma pulsão quase instintual, uma pulsão de segunda natureza –, esse estado de dependência e exclusão é uma falácia. Abundância é o que temos à porta do paraíso e, no entanto, as frutas se nos escapam por ignorância, medo, propriedade, violência, concorrência, imposição.

– “Oh Bartleby! Oh Humanidade!”

NOTA APÓCRIFA: FORTALHELLCITY

Todo começo de ano tem acirramento entre Estado e crime organizado – duas facetas de uma mesma moeda inglória. Nesse ano (2019) isso se deu de maneira mais intensa: mandaram parar tudo nos bairros; dinamitaram, mataram. Fortaleza é uma rota da seda para a Europa, à beira com dois portos (Suape, no Recife, e Pecém, no Ceará) e modernas infraestruturas. O crime organizado migrou do centro SP/Rio e encontrou aqui um mercado em disputa. Entramos na história universal sob a forma da catástrofe, com mais mortes do que no Afeganistão, com *Blietzkrieg bop* do crime e Estado com secretário *Robocop* e tudo. Vivemos, aqui, no interior do tempo Barroco do mundo, céu litorâneo e inferno urbano com aglomerados de gente nas periferias.

Clonazepam: paraíso artificial do mal do século

Quando a sua fantasmagórica e singularíssima posse de um Eu, de um Si mesmo, reduz-se a um objeto medicamentoso, vicioso, e instaura uma repetição enfadonha; reduzindo-se a processos, procedimentos, normas, que nada dizem respeito às realizações sutis, etéricas, desejantes desse Si mesmo, então a vida coagulou-se como um sangue, que fica grosso e fedorento. A vida mesmo é fluxo inexorável, autorrealização e compartilhamento.

O afeto, a escuta, uma conversa desinteressada e amiga, uma abertura do horizonte de possibilidades na sua vida cotidiana, são maiores remédios, possuem maior terapêutica do que qualquer objeto inerte. As neuroses dessa civilização frenética, medrosa e megalomaníaca se arrefecem num abraço fraterno. A alegria permanece, sim, a prova dos nove.

Lembro, aqui, de uma passagem acerca do apóstolo João evangelista exilado em Patmos, descobrindo uma ciência sutil também experimentada por De Assis. É como se

o Amor fosse um tecelão sutil intercambiando a linguagem de todos os reinos; e como dizia Paulo: falasse em língua de anjo, falasse em língua de gente, falasse mesmo na língua de todos os reinos, de máquinas e linguagens de programação, sem o Amor como afeto e gesto bem-aventurança nenhuma seria possível.

“Mas não era somente isso. João, no exílio, aprendera uma ciência mais profunda – que somente daqui a algum tempo os portadores de conhecimento espiritual compreenderão – a interpretação da linguagem dos outros reinos. As próprias pedras, descobrira ele, têm vida e respondem ao carinho e ao amor, quando estes se intercalam em sua faixa, por hábeis pensamentos e sentimentos cuja tônica dominante é o Amor. As árvores sentiam com João, alegria e tristeza, dependendo do estado em que o apóstolo se encontrasse, e com elas ele fazia experiência no ambiente solitário que a vida lhe emprestava para viver”

(Francisco de Assis, por João Nunez e Miramez)

Estrelas descem à terra

Em seu *As estrelas descem à terra*, Adorno escreve o seguinte: “O envolvimento com a astrologia pode oferecer àqueles que se deixam levar por ela um substituto para o prazer sexual de natureza passiva. Em primeira instância, isso significa a submissão à força desenfreada do poder absoluto. Entretanto, esta força e este poder que, em última análise, derivam da imago do pai saem completamente despersonalizados pela astrologia. A comunhão com os astros é um substituto quase irreconhecível – e, por isso, tolerável – para a relação proibida com uma figura paterna onipotente. Na mesma medida em que o sistema social é o destino da maioria dos indivíduos, independentemente de sua vontade e interesses, ele é projetado nas estrelas de modo a, assim, obter um grau maior de dignidade e justificação, do qual os indivíduos esperam eles mesmos participar” (Editora Unesp, p. 46).

Adorno, como a teoria crítica, costuma ser um diagnós-

tico do mal, uma teoria da dominação e da alienação. Às vezes cansa o diagnóstico como essa doença social crônica que vivemos. Walter Benjamin, que foi estrela um tanto solitária e errante, escreve sua contribuição num texto de nome *Destino e caráter*; não seria inoportuno, para quem estiver com tempo, relacioná-lo com os conceitos políticos de *virtú* e *fortuna* em Maquiavel: momento oportuno e decisão. Costumo ler amadoramente os astros como algo desse embate entre destino e caráter, entre virtú e fortuna. Um antigo problema ontogeniológico e político de liberdade e necessidade, teológico de providência e arbítrio, e assim vamos, nas antinomias, dialéticas, paradoxos, oposições complementares.

Se for para indicar algo próximo do delírio: também não seria inoportuno ler as considerações de Ramatis (nas suas obras mediúnicas) sobre astrologia e planejamento sideral. Se for para retornarmos à teoria crítica, a epistemologia de Benjamin em seu livro sobre o drama barroco alemão é constelacional, para ele as nossas ideias se relacionam com as coisas como uma constelação com as estrelas: fragmentos de palavras montam-se, ainda que a anos-luz de distância umas das outras, ainda que tratem de imagens históricas separadas por séculos, como a um mosaico.

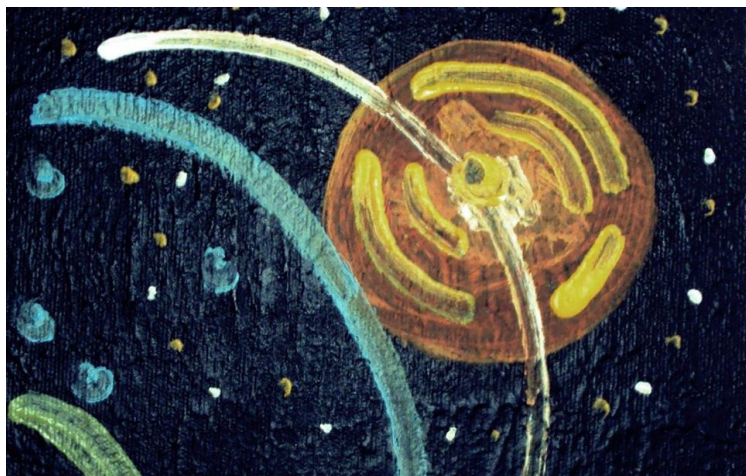
Por exemplo, no interior da arte, reencontram-se, na descontinuidade dos tempos, barroco, romantismo e sur-

realismo em seu descompasso de forma e conteúdo, estilo e modo de vida socialmente constituído: sua verdade encontrava-se para além da bela forma, para lá da harmonia, num solo social ele mesmo desarmônico, desconstruído, cindido. Por exemplo, no interior das lutas sociais, reencontram-se, no aqui e agora de um instante de perigo, a experiência de todos os que tombaram no passado, como se o anjo da história ainda esperasse “acordar os mortos e juntar os fragmentos”. Por exemplo, na astrologia: cinco pontos luminosos (estrelas/palavras) no céu montam para nós algo de semelhante a um caranguejo (imagem/figura) à qual damos um significado arquetípico (ideia) de um ser maternal numa fronteira psicológica entre terra e mar: mangue.

No documentário *Cosmos*, Neil deGrasse Tyson trata a certa altura de homologia: o que está em cima corresponde ao que está em baixo. Faz isso para falar de como os primeiros agrupamentos nômades planejavam caças e migrações a partir do modo como repetições terrenas coincidiam com configurações/posições celestes. A noção de homologia é formulada pelos egípcios, entre a primeira e a segunda lei hermética; por Platão, homologia entre ser e pensamento, entre o que pensamos e o que se passa aí fora e nos é dado pelos sentidos; e assim poderíamos ir seguindo com exemplos.

Mas tudo isso é vão, suprema futilidade, fugacidade –

vaidade, vexação de espírito. Nós da cidade perdemos o céu. Ele não caiu sobre nossas cabeças, ele simplesmente tornou-se um imenso breu. O céu à noite para os habitantes da megalópole louca virou Tártaro. Ainda assim, cintilam ao longe alguns tímidos e luminosos pontos, e “Na vida”, diz-se, “Quem perde o telhado/ Em troca recebe as estrelas”.



Leo Nascimento

Excertos

I

Há no atual fracasso da esfera de produção de mercadorias, de regulação política, da esfera artística, educacional e de produção intelectual, dentre as demais esferas da sociedade moderna, um mesmo problema: o da decomposição dos laços sociais diretos num mundo de cisões. A vida na modernidade é um ponto de interseção entre esferas ao ponto de se tornar um refugio disperso no desgaste cotidiano entre elas: de casa ao trabalho, do parlamento à escola ou à universidade, do shopping ao teatro. Há formas universais cindidas que regulam sistemicamente o lidar com todo e qualquer conteúdo sensível, e os conceitos mais não expressam que a cisão real: economia, política, arte, educação. Diante do impasse atual de tais esferas há uma zona tabu: é ilógica a ideia de possibilidade de uma antieconomia e de uma antipolítica, ao invés de uma econo-

mia política socialista; de uma antiarte, ao invés de aceitar sua cisão moderna e sua integração negativa contemporânea; da superação do trabalho e da educação. Tais conceitos não são percebidos na sua significação histórico-social moderna, como referentes à socialização moderna, mas como naturais a toda e qualquer forma de organização social. A cultura também é uma esfera à parte, mas seu conceito traz consigo uma significação pré-moderna que pode nos servir de base: cultura é um todo integrado, são hábitos, costumes compartilhados; cultura é um modo de existência imediatamente social, não o *cogito ergo sum* do indivíduo (Eu) abstrato, cindido, base do individualismo moderno, mas a existência em relações sociais diretas, orgânicas e pessoais. Se há um meio de se contrapor à crise a que chegamos neste século, se ainda há perspectivas emancipatórias para este século, a significação pré-moderna do conceito de cultura pode contribuir para a redefinição prático-crítica de nossas relações sociais para além da relação de valor (dinheiro) e para além das cisões (de gênero, de produção e regulação, etc.) que ao mesmo tempo a constitui e a pressupõe; pode apontar novos horizontes sociais, individuais, materiais (técnicos), simbólicos e intelectuais, uma nova e real comunidade humana.

II

A sociedade moderna se estrutura a partir de dois pilares, dois polos fundamentais que se entrelaçam, a saber, o da economia e o da política, o do Estado e o do mercado/capital. Em geral, os modernos filósofos da política e teóricos da economia formularam opiniões que também se entrelaçam, ou seja, há um mesmo princípio que identifica tanto a “vontade geral” (Rousseau) na esfera político-estatal quanto a “mão invisível” (Adam Smith) na “esfera” socioeconômica, a saber, o domínio do abstrato (universal e não-sensível) sobre o concreto (singular e sensível); desse modo, o que determina as práticas sociais não são as múltiplas particularidades, mas um princípio geral, puro e único, isolado e superior a elas: o que fundamenta a esfera político-estatal é a lei moral, o direito, que por sua vez é o outro pólo do que fundamenta a “esfera” econômico-social, o valor.

Em tempos de crise estrutural e do fundamento dessa relação social total e globalizada, à qual a economia política (ciência burguesa por excelência) teve por objeto, qualquer discurso econômico não passa de uma autópsia do cadáver que são as relações mercantis-capitalistas e sua esfera de regulação, o Estado – o mesmo vale para a cultura e as atividades artísticas como atividades separadas da vida cotidiana –, com sua respectiva de-

composição subjetiva, social e destruição ambiental: doravante toda reforma é um ato de necrofilia. Como “remendo não adianta se o pano tá roto” (Gilmar de Carvalho, *Parabélum*) desde já uma das táticas anticapitalistas seria aproveitar as “fissuras do capitalismo” (John Holloway) numa perspectiva de autogestão coletiva, ainda que parcial, da produção e da comunicação, do transporte e da vida de modo geral.

Teses

CRISE. O capital, ao desenvolver as forças produtivas, tornou o trabalho supérfluo diante das máquinas. Com isso, consolidou lógica – desvalorização do valor, dessubstancialização do capital – e historicamente – terceira e quarta revolução industrial, revolução da microeletrônica e nanotecnologia – seu limite interno absoluto, intransponível.

TÉCNICA

O desenvolvimento das forças produtivas não é um pressuposto necessário da emancipação social.

ARTE

A partir da história da arte na época moderna é possível delinear os traços do sujeito moderno, e a respectiva

crise desse sujeito é em nossa época (séc. XXI) o ponto de partida da crítica da arte – para além da arte.

CULTURA

As sociedades pré-modernas eram cultura. Nós, modernos, temos cultura: degradação do ser ao ter, e deste ao parecer. A indústria cultural é a produção de cultura do homem sem qualidades do mercado. Não há mais cultura, há espetáculo.

IDEOLOGIA

O pensamento ideológico chega sempre atrasado e em conformidade com a realidade social, o pensamento crítico chega cedo demais e a negando.

LINGUAGEM

No mundo das coisas, só as coisas falam; no máximo, os homens falam das coisas.

TEMPO ABSTRATO

O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas de um relógio ou com as batidas do coração. O tempo do relógio é totalmente indiferente às tristezas e às alegrias, assim como é indiferente ao ciclo natural, a se é dia ou noite, se chove ou faz sol, se está quente ou frio; é abstrato, é tempo apenas de quantidade, tempo das coisas e para as coisas. Todo o tempo que bate no relógio é pouco para o trabalho, para produzir mercadoria e gerar dinheiro: dinheiro, Deus meu, dinheiro!

ESPAÇO URBANO

A cidade é o espaço físico próprio ao desenvolvimento das mercadorias, onde estas ganham vida ao passo nós nos tornamos autômatos. É nela que o tempo abstrato se desenvolve e domina – domínio este que se estendeu também ao campo.

Asja Lacis já não me escreve

Asja Lacis não me escreve mais – todo o silêncio divino na boca de uma mulher. Asja Lacis não me escreve, não telefona, não manda “zap”, e-mail, nenhum pássaro ou garrafa com carta dentro ou no bico; simplesmente já não me escreve mais.

Cá fora, no mundo, na minha cidade, *fortalhellcity, província em chamas*, muito prazer – obrigado, de nada –, militares milicianos encapuzados incitam revoltas; enchentes, porque é tempo de chuva, derrubam casas, abrem buracos nas vias onde passam coisas e gente; brincantes festejam seu carnaval antes que o céu desabe sobre suas cabeças; um gato se achega enquanto, fumando, observo a lagoa do bairro e penso: “Asja Lacis já não me escreve” – “Asja Lacis já não me escreve”.

“Deus te livre, caro leitor, de uma ideia fixa”, dizia Machado pela boca do Brás... “Mas o agregado abstrato das saudades/ Fique batendo nas perpétuas grades/ Do último verso que eu fizer no mundo!”, dizia Augusto dos Anjos em

seu budismo de homem moderno... “Tome, Dr., esta tesoura, e... corte/ Minha singularíssima pessoa”. É no que penso, paro, observo e, intuindo, sei – minha nossa! –, o amor não é válido apenas em um período pré-revolucionário, Guy De-bord. Depois que “ela partiu” algo desencantou-se no mundo, e nos olhos de um certo Benjamin.

Guerras, revoluções, motins, insurreições, teoria quântica de campos, prosa e poesia, religião e filosofia, nada disso tem sentido algum nos olhos de um certo Benjamin:

*Em meu leito, pela noite,
Procurei o amado da minha alma.
Procurei e não encontrei!
Vou levantar-me,
vou rondar pela cidade,
pelas ruas, pelas praças,
procurando o amado da minha alma...
Procurei e não encontrei!...*

Isso se encontra no *Cântico dos cânticos*, em que Salomão adverte: “não despertem, não acordem o amor, até que ele o queira!”. A ideia fixa dá trégua, o cigarro apaga, a lagoa já não comporta o tom de lamento, e a vida diz, desviando Torquato, “obedeça a seus pés e a ordem é seguir e

não olhar atrás”. Se ela gritasse, se eu gemesse, se ela tocasse uma valsa qualquer, se eu dormisse, se ela cansasse, se eu morresse... apenas um extenso silêncio divino na boca de uma mulher, que já não me escreve mais.

Uma pepita de ouro em Serra Pelada

"Falou-se sobre experiências no amor e, no decorrer da conversa, me ficou pela primeira vez claro que, quando um grande amor ganhava violência sobre mim, eu me transformava tão profundamente e fortemente que ficava muito admirado em ter que me dizer: o homem que disse coisas tão imprevisíveis e que se conduziu de maneira tão inesperada, esse homem seja eu. (...) – essa experiência se realizou com a maior intensidade na minha relação com Asja [Lacis], de tal forma que é somente nesse momento que descobri muito em mim. (...) Conheci três mulheres diferentes na minha vida e três homens diferentes em mim."

— Walter Benjamin

Morena diga onde é que tu tava,/ Onde é que tu tava aonde é que tava tu/ Passei a noite procurando tu,/ Procurando tu...”, tocava no bar da esqui-na. Uma pepita de ouro em Serra Pelada, o som da sua voz; uma pepita de ouro, um singelo “e como tatu?”. Neruda já não precisava mais ser recitado, receitado, “*A voz, o corpo claro. Os seus olhos infinitos*” estavam ali, presentes de novo, ainda que na ausência de quase sempre.

“Vou bem, cumprindo tão bem quanto posso certas obrigações”, respondi.

“E tu, e como tatu?”, perguntei.

“Bem também; trabalho finalizado, vi série até tarde, e vou já ali ver a rua”, ela respondeu.

A vida parece às vezes uma série em que a gente não sabe quantas temporadas duram, nem se aquele personagem da segunda retorna numa quarta ou quinta de carnaval, disse pensando de modo um tanto autista...

“Que bom que é assim, tão inusitada”.

Eu não esqueço, não, na Paraíba, aquele chute que não sei o nome daquela arte marcial que não sei qual, aquele que a perna levanta e ao descer tem que acertar o ombro do oponente; nem esqueço aquele sonho feito *fanzine* sendo recitado numa roda sobre saúde e literatura; nem do quase jogo de capoeira, do enlace de pernas e do gemido ao nos beijarmos; e o

pessoal discursando, ao fundo, sobre o desmonte de tudo que é público (nem comum ainda é, apenas público), saúde, educação, cultura, oportunidades várias de ser mais do que coisa, quem sabe até mais do que gente... duas crianças, já crescidas, ao pé do alpendre, na sombra, num reencontro que sabe-se lá quanto tempo permaneceu esperando.



João Pessoa, Setembro de 2019.

Eu não esqueço, não, os olhos de pitonisa, o sabor do beijo, o toque da pele, o abraço o choro a cerveja o fumo, não esqueço que foi na Paraíba, terra de bisavôs meus, que a encontrei mesmo parecendo impossível, como ela disse, cheguei pela madrugada sem avisar. Não esqueço a praia, a barraca de *camping* improvisada, alguns pernoites, o rubacão – nunca mais comerei um rubacão sem que seu rosto não me venha à lembrança –, sua face, seu corpo, sua voz, sua pele, seu gemido.

Uma pepita de ouro em Serra Pelada seria pouco para descrever tamanha alegria, tamanha felicidade. Se eu resolvesse fazer como Proust, e passasse a escrever minhas lembranças *em busca do tempo perdido*, poderia colocar minha vida em risco, porque escrever não é tarefa fácil nem dócil e nem sempre vale como uma pepita de ouro em Serra Pelada. Sei que ela seguiu para um lado, a sua terra, e eu segui para o outro, a minha; sei que o acaso me apresentou sua maestria e nós, como duas crianças, encontramos um êxtase, um Graal desconhecido, mais até do que uma pepita de ouro em Serra Pelada.

Perto demais

Eu disse que te odeio? Eu disse que quero deixar tudo para trás?...”, não. Tem gente que, não se sabe por que, nos fulmina ao primeiro olhar, na presença primeira de espírito, corpo, alma, não sei. Um *flâneur* na multidão poderia encontrar sua passante, e numa piscadela... se foi; um Coelho atrasado para o chá das cinco com o Chapeleiro – meu grande sonho de menino! –, e Alice cai num portal. Algo dessa natureza acontece em certos encontros, inusitados, inesperados, únicos.

Eu era jovem, eu sei, amava na lira dos vinte anos à distância uma morena, até que ela se achegou, e partiu, mais rápido do que a primavera; eu era mais crescidinho, eu sei, e me apareceu à vista uma estrangeira... amei-a de tão perto que desaprendi o romantismo, e ela partiu deixando algum inverno, que logo passou; eu já era quase um adulto, como se espera, e flertava, sem que ela soubesse, no ônibus e reuniões de movimentos, aquela que veio a estar próxima a mim durante um bom tempo.

É que eu ainda era jovem demais; não sabia, nem conhecia, nem tinha sentido, nem nada, o poder e o significado desses encontros que o magnetismo nos arrasta para perto demais. Eu ainda não sabia o significado disto. Louco, barbudo, magro, faquir, prestes a escrever mais uma profecia sobre o fim do mundo (tão óbvio...), recém iniciante de práticas de cuidado, ela me entra pela porta no meu primeiro dia de atendimento. Eu estava ferido, como agora estou, apesar de já ser, supostamente, homem maduro, e seu olhar e presença me eram desconhecidos. Bendita seja aquela aparição!

Quieta, falando pouco, observando muito, se achegou, fez suas perguntas, de bem perto, muito perto – já se sabia e, no entanto, eu precisava evitar –, ela me propôs algumas agulhas no crânio para aliviar as minhas dores – de bem perto, muito perto. Eu, no meu delírio de quase profeta, quase louco, quase faquir, quase uma série de quases, pensava: alguma espécie de deus, o cosmos, alguma correspondência desconhecida, algum anjo enviou esta criatura até aqui. Eu não entendia nada do que estava acontecendo, absolutamente nada, desconhecia aquele olhar e proximidade.

Se eu resolvesse fazer como Proust, e passasse a escrever minhas lembranças em busca desse tempo perdido, poderia colocar minha vida em risco, e não pretendo fazê-lo. Êxta-

se inigualável nossos encontros, êxtase inigualável sua pele, sua voz, seu toque, seu sexo, sua sutileza. Eu talvez fosse um homem rude demais, não estivesse à altura daquele encontro, que neguei num primeiro momento (num segundo e num terceiro, como Pedro), talvez não fosse capaz de ouvir seus silêncios, eu, o suposto decifrador de enigmas, o suposto sujeito das entrelinhas do mundo, estava ali diante daquela aparição sem saber muito o que fazer, e dei-a tudo que havia aprendido, tudo que havia visto, tudo que havia sentido, levei a seu altar meu amor, e minha dor também.

Dois anos foram nossos mais desencontros que encontros, dois anos que eu não arriscaria, de modo algum, minha vida para tentar dar conta de tudo que foi, no íntimo detalhe. Porque, hoje, ela é uma ave de arribação, e me faz lembrar *Fim de partida*, de Samuel Beckett, a única tentativa de composição numa peça inteira, pela boca do Clov:

Vai, pássaro encantado,
abre a porta
e voa à minha amada.
Aninha-te em seu peito,
e conta a ela que sigo:
vivo, mas putrefeito.

Mas isso eu não direi, sabia. Digo, vai, pássaro encantado, abre a grade e voa à minha amada; aninha-te, sim, em seu peito, e conta a ela que sigo, e diga a ela que voe também. Diga a ela que crie suas asas, que siga seu coração, que encontre a passagem ao noroeste da verdadeira vida, que, se me for dada a honra, quem sabe um dia eu esteja à altura de recebê-la em minha vida, quem sabe... não. Conta a ela que, até aqui, eu nunca vi olhos tão bonitos, nunca um mistério sob a forma de mulher me foi tão insondável e bom, que minha Kundalini desconhecia o que era arder, meu ventre não sabia o que era fogo, chama acessa que às vezes fere, e porventura dói, às vezes fere, sem querer. Conta a ela que ameí-a, como amo, mais do que a todos os homens, e que talvez um dia, quem sabe...

Diz a ela que, como tu, estava tão perto que acabou se afastando.

Memórias de um feminino insubmisso

Simone de Beauvoir não se intimidou diante de Sartre. Sartre é bem ruim frente a ela e a Camus.

Antígona, filha de Édipo, enfrentou Creonte porque queria o devido enterro do irmão.

Cecília Meireles, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Bárbara de Alencar, Helena Blavatsky.

Quantas mulheres não se afirmaram ao longo do tempo? Não repute o apagamento de sua sutileza a outrem, como no drama de Claudel e aquele outro que agora nem me lembro o nome.

Mesmo Padre Cícero não impediu que Maria de Araújo, a Beata que operou (embuste ou não) o milagre da hóstia em sangue, fosse tida como uma ninguém.

Frida Kahlo passou um ano ou mais enfaixada numa cama pintando e depois resolveu mostrar ao mulherengo do Rivera, encantado com os Rockefeller, alguns de seus quadros e perguntou: acha que devo insistir nisso? Ele dis-

se: certamente. E ela nunca baixou a cabeça pra ele.

A intifada de mulheres na Espanha de 36, de rifle em punho, fuziladas pelos comunistas.

Maria Bonita no sertão nordestino...

Memórias de um feminino insubmisso.

Apenas o jogo pode se contrapor ao sacrifício

Existe uma relação entre arte e história bastante curiosa. Deve ser alguma espécie de magia, ou dom profético, que a primeira tem, sobretudo nos tempos modernos, de passar ao campo da segunda, ainda que nem sempre do modo como esperamos. Aquilo que foi, num primeiro momento, apenas figurado pela imaginação passa logo em seguida ao terreno da verossimilhança conforme se desenvolve o curso do capitalismo no mundo; e este é como uma espécie de feitiço que se volta contra seu feiticeiro, atendendo, como o demônio Mefistófeles, aos anseios dos “homens”, mas de maneira que nunca consigam realizá-los verdadeiramente.

Se tomarmos um problema político como exemplo, isso fica um tanto nítido. Quando uma das frases dos movimentos de 1968 foi logo atendida como uma modernização das técnicas de controle da subjetividade: “viver sem tempo morto e gozar sem entraves”. É o princípio de prazer que passa a se tornar uma

forma de captura da subjetividade humana, que passa a capturar a sua inconformidade com a realidade social existente.

Quanto à arte, não se trata nem de dizer que o mundo unidimensional do capital a penetra capturando sua capacidade sublimadora, de figuração utópica, submetendo o imaginário à distopia: a reprodução piorada do mesmo. Isso porque mesmo Goya, pintor numa época em que ainda havia alguma autonomia nas produções artísticas, diante das atrocidades das invasões napoleônicas na Espanha, resolveu pintar as cenas “bárbaras” da guerra, em *Los desastres de la guerra*, no intuito de mostrar aos “homens” sua insanidade, acreditando que assim poderia contribuir para que não fossem “bárbaros”:

“Certa vez, um criado dele, Isidro, impressionado com as Pinturas Negras com que decorou La Quinta, perguntou-lhe qual o motivo dele enfocar as ‘barbáries dos homens’, Goya então lhe respondeu: ‘Eu as pinto para ter o gosto de dizer eternamente aos homens que não sejam bárbaros’”.

Talvez haja mesmo é uma espécie de afinidade eletiva, uma espécie de cruzamento genético mutante, de engenharia genética mutante da história, na distinção entre alegoria

e símbolo. Se o símbolo diz respeito a um momento em que arte e realidade histórica se harmonizam, em que a arte aparece, imediatamente, como tradutora da verdade de um tempo (fenômeno típico do classicismo); a alegoria é sempre algo de desarmônico, porque o próprio tempo em que está inserida oscila em seus fundamentos: a fragmentação alegórica é proveniente de um mundo fraturado em seu próprio fundamento (fenômeno típico do barroco no século XVII).

A questão, para nós, é que, conforme vai se desenvolvendo a degradação capitalista, certas produções artísticas vão deixando de ser apenas alegorias diante de um mundo em ruínas para se tornarem os próprios símbolos da terra arrasada da história. A alegoria como símbolo do mundo degradado. É assim que podemos encontrar a paisagem histórica do presente num filme de Ingmar Bergman, *O sétimo selo*, ou mesmo no cenário das peças de Samuel Beckett, *Esperando Godot* e *Fim de Partida*, sua tragicomédia, ou comitragédia, em que o riso não é nada redentor, não é a crítica das condições que produzem a vida como tragédia, mas um riso diante da própria falência, um riso impotente de moribundo, figurando-se diante do nada, da terra arrasada de sua cultura, do ambiente natural e de sua subjetividade.

Particularmente em *O sétimo selo*, Bergman busca um olhar para o passado – talvez aquele olhar de Orfeu, impotente

em retirar a poesia do futuro –, a escatologia do fim da Idade Média, que não tem quase nenhuma redenção à vista; trazer o passado escatológico para apresentá-lo como o que há de mais presente, atual, parece ser o feito de Bergman. Esse filme tem como antecedente uma peça sua, *O retábulo da peste*, e encontra nos manuscritos medievais musicados por Carl Off no século XX, *Carmina Burana*, uma inspiração, pois trata da fortuna dos “homens”, de seu destino, ou de sua história como destino, ou desse entrecruzamento de destino e história:

“No trono da Fortuna/ eu sentara, elevado,/ coroado
com as flores/ multicoloridas da prosperidade;/ apesar
de ter florescido/ feliz e abençoado,/ agora do alto
eu caio/ privado de glória./ A roda da Fortuna gira;/
eu desço, diminuído;/ outro é levado ao alto;/ lá no
topo/ senta-se o rei no ápice?/ que ele tema a ruína!”.

Seu cenário em preto e branco nos remete à luz e sombra do barroco, de seu olhar lutuoso, e permanece ainda mais barroco quando a única esperança latente frente à espreita da morte torna-se a travessia dos artistas saltimbancos, seu teatro, sua alegoria, sua ludicidade, mostrando-nos que apenas o jogo pode se contrapor ao sacrifício.

Poesia da memória e do presente

É difícil não sustentar a intuição aterradora de que o estado de exceção permanece, como sempre, sendo a regra; é difícil não perceber a história como catástrofe, como um amontoado de atrocidades do “homem” contra seu semelhante e dessemelhante. Como diz Benjamin: “todo monumento de cultura é um monumento de barbárie”.

Podemos pensar isso do ponto de vista da “violência simbólica” (como diz Žižek no leito de Lacan), no sentido de entrada na linguagem, participação nela; não há como sublimar, subjetivar sem introjetar a repressão, a limitação (im)posta pelo real, seja ele a natureza ou a cultura. Mas estamos tratando, aqui, principalmente da “violência objetiva”, social – não que o poder não se sustente com base na articulação de uma linguagem.

Benjamin chega a sustentar que não existem períodos decadentes (*Primeiro Esboço*); Nietzsche anuncia como decadente a tradição ocidental (Platonismo, Cristianismo, Progresso),

incapaz de afirmar a vida nela mesma, sem recorrer à transcendência ou ao futuro, a um fundamento último que daria, enfim, à finitude humana um conforto existencial.

Talvez estejamos novamente diante de uma melancolia histórica, do anjo melancólico da história. Talvez se trate agora apenas de perceber, não somente intuir, como tanto a realidade quanto a literatura de Beckett ou Rubem Fonseca se apresentam como expressão da barbárie (o esvaziamento e a violência) anunciada já numa máxima de Marx: “A desvalorização do mundo humano aumenta em proporção direta com a valorização do mundo das coisas”.

Isso significa dizer que a pulsão econômica, determinando abstratamente a partir do critério da valorização do valor/capital todo uso e concretude possível, tende ao decrescimento do caráter qualitativo do mundo e da experiência, como constatamos em Benjamin e Debord (declínio das narrativas e do valor de uso), culminando, quem sabe, no diagnóstico de Christopher Lasch (*A cultura do narcisismo*): o de que o sintoma subjetivo, cultural contemporâneo é o decrescimento das expectativas, portanto, um refluxo pessimista do progresso.

Isso deve ter seu nó no problema do narcisismo, tratado pelo próprio Lasch, pois este é justamente a incapacidade de diferenciar-se, pela sublimação, do mundo exterior, contrapondo-se a ele; diagnóstico próximo à dessublimação

repressiva – dita por Marcuse em *O homem unidimensional* –, à domesticação da subjetividade e de sua capacidade (pre)figuradora de possibilidades outras pelo princípio de prazer, pela imediatez do gozo mercadológico.

Tudo isso porque no reino do mesmo deve haver algo que seja específico do nosso tempo e já não pode ser adiado. A resposta teológico-política para essa noite escura do tempo histórico tem de ser à pergunta: o que resta? Todo resto traz consigo um teor messiânico (resto social, no caso), dado na lembrança, e se encontra no anônimo, no não dito, no que não foi expresso e afirmado, o que permaneceu potência, aquilo que poderia ter sido e não foi, mas deixou um apelo.

Em um tempo no qual a afirmação do trabalho já não consegue mobilizar uma mudança nas estruturas da sociedade, talvez reste algo no “qualquer” (Giorgio Agamben), no que ficou fora do enquadramento, naquilo que foi posto fora, mas que permaneceu dentro, enquanto fora. Enfim, não é possível responder a essa pergunta nos moldes da política ideológica, da vanguarda, da disputa pela verdade que há de mobilizar as massas, mas talvez algo como cuidado, como palhaçaria, como cultivo, como uso livre da palavra e do tempo, como resgate dos saberes da tradição, resgate dos *artefatos culturais* (Robert Kurz) em sua relação com o que

há de potente no presente, um reencontro não reificado de ser humano e natureza, do passado com o presente.

A potência de vida como uma poesia incatalogável, pois peregrina, retirante, contadora de histórias, a poesia da memória e do presente.

Leô Nascimento



Epitáfio das circunstâncias

Subscreva que te amo no epitáfio das circunstâncias.
E de tão bonita e gentil que é, ainda que se perca
ou morra, eles a ressuscitarão.
Neste século ou no próximo.
Quando disse:

— Benjamin tem uma teoria do príncipe melancólico.
Algo a ver com o Hamlet de Shakespeare ou Segismundo de Calderón.

Dizendo ainda:

— Enquanto Schmitt fala que Soberano é quem decide
sobre o estado de exceção, Benjamin enxerga uma indecidibili-
dade barroca no interior do poder.

Apenas queria que subscrevesse: te amo. Enquanto, melan-
cólico, subia-me à boca essa bílis negra da distância e indecisão.

Você fleumática, e eu, ruminando a passagem das horas...

Quando te vi, em foto antiga, pensei comigo: garota
fútil essa.

Depois me apareceu à vista uma mulher bailarina ao bambolê... Aristóteles chamaria isso de catarse; Kant de sublime; Buda de nirvana; Dante de Beatriz; Cristo de bem-aventurança...

E, de súbito, me lembrei de Bandeira avistando Teresa: “Da terceira vez não vi mais nada. Os céus se misturaram com a terra. E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas”.

Isso tudo entrecortado daria um filme, um curta-metragem.

Trilha sonora: In the Mood for Love e Sérgio Sampaio.

Alguns versos quase mudos, outros exaltados, silêncio...

Uma narrativa de encontros e desencontros como no caso curioso de Benjamin e Daisy Button.

Embriaguez, sexo, afeto, misticismo, sinais – muitos sinais.

E algumas reticências...

Hyulla e Beatriz

Já fui sincero e puro num mar de lama, eu era lama, caos originário da vida, e era também ingenuidade – extrema pureza d'alma.

Lembrei hoje de Hyulla e Beatriz. E do Velhinho, o Coelho. E do camaleão que matei antes de dar nome depois de tanto querer ajudar.

Na época memorialmente mais terrível e mais feliz da minha vida. Habitando o ocaso de meus tios e o silêncio do sítio.

Um paraíso que vi, vivi, e vencido vi ser eu ao mesmo tempo o móvel da divisão.

Hyulla era uma gata muda pelo sofrimento.

Peguei-a na saída de um esgoto numa quarta-feira de cinzas. No dia em que vi a cena de uma pessoa querida em surto – nunca me esquecerei desta cena na história de minhas retinas.

Cuidei dela como quem cuida de um outro.

Dei remédio pra verme, limpei toda a orelha, fungos na pele, dei banho, cuidei dela como quem cuida de uma alma em surto.

E ela foi envenenada no exato instante que descobriu a vida e se curou de suas feridas.

Ela nunca miou. Nem crescia, de jeito nenhum.

Mas era a gata mais bonita que já vi. Seu pelo preto amarelo-laranja e branco realçava o negro na testa que fazia uma perfeita divisão até o focinho com o tom amarelado.

Beatriz era o próprio espírito santo em pureza na minha frente. Miúda e ingênua. Entrou pela grade do portão enquanto eu ajeitava um canteiro, assim do nada, sem nem licença pedir.

Belial parece ter vindo buscá-la no quarto dia na forma de um gato sujo, doente, hostil porque hostilizado; apareceu durante a manhã, sumiu, e à noite entrou por uma fresta; acordei num susto, ao som do miado alto e gemido, e nunca mais a vi.

A cena talvez mais linda de toda minha vida é a de Hyulla e Beatriz brincando no meio do meu primeiro roçado em pé. Num fim de tarde, pôr do sol no horizonte e os milhos todos rosados... gafanhotos, formigas, feijão, macaxeira e batata. E as duas brincando... Eu, de enxada na mão, apenas olhava aquilo tudo.

Ali, naquele instante, encontrei a dita iluminação.

A beleza.

A verdade.

Deus.

Natureza.

Tudo.

Aquele instante redimiu dentro de mim uma vida inteira.

Várias vidas numa única circunstância.

Já fui sincero e puro num mar de lama, eu era lama, caos originário da vida, e era também ingenuidade – extrema pureza d'alma.

Culpa hereditária

O velho testamento é uma culpa hereditária. Não falarei de queda, conotação negativa e inscrição do *tripalium*: comerás com o suor do teu rosto.

Mas, para entrarmos já no tema do sacrifício, Caim e Abel, a primeira briga entre irmãos se deu porque o sacrifício do *labor* manual, mais duro, o de uma parte da colheita (Caim), foi considerado menos importante do que o sacrifício mais leve, o do pastoreio, sacrifício de sangue (Abel).

Alguém interpreta Hegel, na França – é Kojève? – como uma dialética de senhor e escravo (inserida no interior do desejo/ *Wunsch*) na batalha pelo reconhecimento.

O fim da história, em Fukuyama, segundo Paulo Arantes, não é mais do que: bem, para um certo lado do jogo a luta por reconhecimento terminou, e existe uma linha de perdedores na periferia do mundo – onde ainda há a luta pelo reconhecimento: negros, mulheres, explorados,

e assim em diante. Só que agora essa linha, como costuma dizer Agamben, já não é tão discernível assim.

Voltando, Caim mata Abel porque seu sacrifício e labor não foram devidamente reconhecidos pelo Pai celeste, e terreno.

As culpas hereditárias vão gerando sacrifícios, expiações. No caso, a astúcia na Bíblia é *quase sempre* feminina, e isso conotando algo de negativo, seja quando Eva se deixou tentar tentando Adão; seja quando Sara expulsa Ismael; seja quando Rebeca, mãe de Jacó, engana Isaac para que o filho, que era mais novo (logo não legitimamente herdeiro) do que o irmão, Esaú, assumisse o lugar de patriarca.

A conta vem com José. O filho caçula e querido — novamente reconhecimentos e ressentimentos — é vendido como escravo pelos irmãos, e quem ocupa seu lugar: Benjamin. O mesmo Benjamin que no século XX vem interpretando sonhos? Aquele rabino dialético-melancólico heterodoxo maluco e errante!

A errância do povo escravo encontra seu auge após a primeira revelação, Moisés (não isso, não aquilo, não!), e aí fundam seu império nas terras dos filisteus. Aqui entram os juízes, e os profetas, reclamando o distanciamento de seu povo, agora senhor, dos ensinamentos de Deus. Nesse percurso, quase todos interpretam sonhos. O anterior José, no Egito; o posterior Daniel, interpretando o sonho de Nabucodonosor — há quem faça uma leitura histórico-teológica do gigante dos pés

de barro e ferro que teria significado até hoje, EUA/URSS, e não meramente ao império romano.

Mas o mais fecundo é Salomão. Herdeiro do império de um dito falsário Davi, entediado, como todo herdeiro que não lutou pelo reconhecimento, inscrevendo seu nome no *Eclesiastes*: o melhor livro do antigo testamento? Aquele que Guy Debord retoma num fragmento do palíndromo medieval de sua vida: *In girum imus nocte et consumimur igni*:

Gente nasce e morre, nasce e morre mas nada muda.
O sol nasce e se põe e volta a nascer... Os rios correm
para o mar, mas o mar nunca fica cheio. A água volta
para os rios e corre outra vez para o mar... Há um
tempo certo para cada coisa, e para todo propósito
há um tempo debaixo dos céus... tempo para matar,
tempo para curar; tempo para destruir, tempo para
construir de novo... tempo para rasgar, tempo para
costurar; tempo para ficar quieto, tempo para falar...
Melhor compreender aquilo que deseja do que desejar
aquilo que não compreende: isto também é vaidade e
vexação de espírito... De que vale ao homem buscar
aquilo que não compreende, se nem mesmo sabe o que
é bom para ele durante seus dias na terra,
tempo que passa como uma sombra?

O mais grotesco é a ética neopentecostal e o “espírito” do neocapitalismo encontrando em Edir Macedo – a grande prostituta anunciada no apocalipse de João? – um trabalho de base do mal maior do que qualquer nazifascismo histórico: possuem milícia (gladiadores do Altar); reconstruíram o Templo de Salomão não em Israel, mas aqui mesmo, no Brasil, símbolo do período áureo numa época decadente; possuem dinheiro e concessão televisiva.

Ai, ai, ai!

Jesus é um amor. Eu *ainda* choro lendo suas remissões dos pecados: “Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? até sete? Jesus lhe disse: Não te digo: Até sete; mas, até setenta vezes sete” (Mateus 18:21-22).

Ladainha

Marinheiro que já naufragou em ilhas convidativas
ao suicídio.

Marinheiro que já atravessou umas ondinhas
médias, quebrou a quilha no mar da história.

Marinheiro astuto e ingênuo, já não se ilude
ao canto de qualquer ilusão.

Parecem sereias, são morsas.

E cantam o mesmo canto sempre, sempre, já que desco-
nhecem o significado do termo poesia.

Marinheiro esse, nem tapar ouvidos ou amarrar-se ao
leme precisa, vislumbra bem mais que seus penhascos.





Sobre o autor

Tem gente que é filho do holocausto – no fundo todo mundo é filho de alguma catástrofe. Sou de uma geração filha do desengano. Nasci em 1988, na cidade de Fortaleza. Cairia o Muro de Berlim, cairia a URSS, tornar-se-ia, enfim, hegemônico o capital.

Toda a falência, toda a desregulamentação, todo limite ambiental, toda perda narcísica de si, marca minha geração.

Agradeço ao jornal Segunda Opinião, na pessoa de Osvaldo Euclides e Heliana Querino, e também ao jornalista Alexandre Valério e ao amigo ilustrador Léo Nascimento, o Léo do Abtrato: @leo_do_abtrato; tal publicação seria inviável sem suas contribuições. No mais, agradeço aos que, direta ou indiretamente, também deixaram suas marcas nestas linhas.

Leo Nascimento







Bibelô de Recordações são confissões de um poeta-filósofo, o que sabe que mesmo com o mundo em erosão, alguma coisa resta a ser dita e experimentada através dessa instância chamada palavra. Ora, pois não é verdade que “no princípio, havia um poeta”? E não importa o que diga Platão, os poetas são fundadores, e é sob eles que “as estrelas descem à terra”. Mas é preciso corrigir Ângelo Lobo: quem escreve, busca o que é no escrever. Ou melhor, deriva-se sendo, e, no caso de Pedro Henrique, fundando recordações, fazendo da memória um atravessamento ontológico, radical e lírico, diante mas contra a erosão de todas as coisas.

Renato Pessoa

